

ENTRE ALGORITMOS E PENSADORES: REFLEXÕES SOBRE O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO MÉDIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA

Túlio Augusto Alves da Silva¹ 

¹Graduado em História (2016), Letras Português/Espanhol (2020), Pedagogia (2023) e Filosofia (2025). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e em Literatura, Cultura e Ensino da Arte. Professora no CEPMG Padre Pelágio /Secretaria estadual de Educação - Goiás/SEDUC.

E-mail: tulioaugusto.silva@educ.go.gov.br

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação
de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 4 n. 1, 2025.

educacaoemcontexto@educ.go.gov.br

Recebido em: 24/02/2025

Aprovado em: 20/05/2025

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15723459>

Resumo

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica que integrou a Inteligência Artificial (IA) ao ensino médio nas disciplinas de História e Filosofia, com o objetivo de estimular o pensamento crítico e ampliar a capacidade argumentativa dos estudantes. Por meio de atividades como simulações de diálogos com figuras históricas, debates mediados por IA e análise de textos filosóficos, buscou-se avaliar o potencial e os limites dessa tecnologia no contexto das Ciências Humanas. A metodologia incluiu oficinas, atividades interativas e análise qualitativa das interações em sala. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Pierre Lévy, Edgar Morin e Paulo Freire. Os resultados apontam que, com mediação adequada, a IA pode enriquecer o processo educativo, sem substituir a presença e o papel insubstituível do professor.

Palavras - chave: Inteligência Artificial; Ensino Médio; Ciências Humanas; Pensamento Crítico; Filosofia; História.

INTRODUÇÃO

A integração de tecnologias digitais ao ambiente escolar tem alterado de forma significativa as práticas de ensino e aprendizagem, especialmente no Ensino Médio, etapa em que os estudantes enfrentam uma transição crucial entre a educação básica e o universo acadêmico ou profissional. Nesse contexto, a Inteligência Artificial (IA) tem ganhado destaque como uma das ferramentas mais promissoras para apoiar processos educativos inovadores. Sua capacidade de processar grandes volumes de informação, simular interações e oferecer respostas personalizadas abre novas possibilidades para a personalização da aprendizagem e para o desenvolvimento de metodologias ativas.

No entanto, quando se trata das Ciências Humanas — campo que inclui disciplinas como História e Filosofia — a inserção dessas tecnologias apresenta desafios particulares. Esses componentes curriculares exigem mais do que o domínio de dados e informações: pressupõem a construção de sentido, a análise crítica de contextos e a formulação de juízos éticos e argumentativos. Nesse sentido, o uso da IA nas aulas de Ciências Humanas deve ser cuidadosamente planejado para não reduzir a complexidade do conhecimento a respostas automatizadas e simplificadas.

Este artigo tem como objetivo relatar e refletir sobre uma experiência pedagógica desenvolvida no Ensino Médio, na qual a Inteligência Artificial foi utilizada como ferramenta de mediação didática e de provocação intelectual. A proposta partiu da hipótese de que a IA, quando inserida com intencionalidade pedagógica, pode contribuir para o fortalecimento das habilidades de leitura crítica, argumentação e conexão interdisciplinar, essenciais para a formação cidadã dos alunos. Além disso, buscou-se investigar de que modo o uso da IA impacta o engajamento dos estudantes e sua relação com os conteúdos de História e Filosofia, tradicionalmente

considerados “abstratos” ou “distantes” por parte dos jovens.

Ao longo da experiência, foi possível observar não apenas mudanças na dinâmica da sala de aula, mas também indícios de um novo tipo de relação com o saber — mais ativa, questionadora e colaborativa. Com isso, pretende-se, neste artigo, discutir as possibilidades e os limites do uso da IA nas Ciências Humanas, contribuindo com o debate sobre o papel das tecnologias digitais na formação de sujeitos críticos e autônomos.

METODOLOGIA

A experiência ocorreu em uma escola pública de ensino médio, com turmas da 2ª e 3ª séries. As ações se desenvolveram durante um semestre letivo e incluíram:

- Simulações de diálogos com figuras históricas e filosóficas, utilizando plataformas de IA com *prompts* pré-definidos;
- Debates mediados por IA sobre temas filosóficos como ética, moral e política;
- Análises textuais assistidas por IA, com mapeamento de conceitos-chave;
- Registros reflexivos e rodas de conversa.

A abordagem foi qualitativa, com observação participante e análise de conteúdo dos discursos produzidos em sala e em registros escritos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O debate sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) na educação não pode ser dissociado de uma reflexão mais ampla sobre o papel das tecnologias no processo de formação humana. Para Lévy

(1999), a IA representa mais do que uma ferramenta: ela é uma extensão das capacidades cognitivas humanas, um elemento integrante da chamada “inteligência coletiva”. Essa noção pressupõe que o conhecimento não se constrói de forma isolada, mas em rede, por meio da colaboração e da partilha de saberes, potencializadas pelas tecnologias digitais. Ao reconhecer a IA como parte desse ecossistema cognitivo, Lévy aponta para a possibilidade de uma aprendizagem mais dinâmica e conectada com os desafios contemporâneos.

Complementando essa visão, Morin (2000) propõe uma reforma do pensamento educacional baseada na complexidade. Segundo o autor, a fragmentação do saber impede a compreensão plena da realidade e, portanto, torna-se urgente integrar os conhecimentos em uma abordagem transdisciplinar. Nesse sentido, o uso da IA no ensino de Ciências Humanas pode ser compreendido como uma ferramenta de articulação entre campos distintos do saber, promovendo uma aprendizagem que vá além da simples memorização e incentive a interconexão de ideias, épocas, contextos e autores.

Paulo Freire (1996), por sua vez, adverte para os riscos de uma educação bancária, em que o professor deposita conteúdos prontos no aluno, sem que haja uma real problematização da realidade. Para ele, todo processo educativo deve estar orientado pela autonomia do sujeito e pela sua capacidade de intervir criticamente no mundo. A tecnologia, nesse contexto, só faz sentido quando subordinada a essa lógica de emancipação. A IA, portanto, não deve ser utilizada de forma acrítica ou meramente instrumental. Ao contrário, é preciso que sua inserção nas práticas pedagógicas esteja alinhada a uma intencionalidade ética e formativa, que valorize a curiosidade, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

Esses três pensadores, ao serem mobilizados conjuntamente, oferecem um referencial teórico sólido para pensar a IA não como um fim em si mesma, mas como uma mediação pedagógica que, se bem orientada, pode favorecer o desenvolvimento da consciência crítica, o exercício da argumentação e a capacidade de ler o mundo com profundidade. Em especial no campo das Ciências Humanas, essa perspectiva é essencial, pois o que está em jogo não é apenas o acesso à informação, mas a formação de sujeitos pensantes, autônomos e socialmente engajados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inserção da IA no ensino de História e Filosofia revelou potencial para instigar o pensamento e ampliar horizontes interpretativos. Em uma das oficinas, alunos interagiram com um “Sócrates” virtual, que respondia com base em textos clássicos. A interação provocou reflexões sobre a validade do pensamento socrático hoje. As respostas da IA não foram aceitas passivamente: a mediação docente orientou os alunos a confrontarem o que era dito com fontes reais e interpretações filosóficas.

Nos debates sobre ética, utilizou-se a IA para apresentar diferentes posições filosóficas, e os alunos foram desafiados a argumentar com base em autores como Kant, Nietzsche e Sartre. A estrutura dos debates exigia a citação de fontes e a justificação teórica das opiniões, evitando achismos e superficialidades.

Na História, ao analisar o impacto da IA no mundo do trabalho, os alunos conectaram conceitos marxistas com a atual realidade digital. A IA sugeria ligações entre autores e contextos, mas coube aos estudantes validarem ou refutar essas sugestões com base em leituras e interpretações históricas.

A relevância do aprendizado não esteve na tecnologia em si, mas na forma como ela foi mobiliza-

da para gerar sentido e conexão com os conteúdos. Ao potencializar a interatividade e a problematização, a IA tornou-se uma ponte entre o conhecimento acumulado e a construção de saberes novos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que a Inteligência Artificial, quando usada com critério e propósito educativo, pode enriquecer o ensino de Ciências Humanas, sem substituir o professor ou empobrecer o debate. A tecnologia serviu como instrumento de

provocação intelectual, desafiando os alunos a pensar, questionar e argumentar com mais profundidade.

Defender a “simbiose” entre IA e educador não significa subordinar o humano ao digital, mas reconhecer que a formação crítica pode se beneficiar de ferramentas que ampliem as possibilidades de análise, interpretação e expressão.

Espera-se que, com a continuidade desse tipo de experiência, os estudantes se tornem mais preparados para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo, desenvolvendo habilidades cognitivas e socioculturais fundamentais para a cidadania plena.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

PLATÃO. **Diálogos**. Vários tradutores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.